

HOOKS, b. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

**Milena Gomes da Silva\***

**Mylena da Silva Domingues\***

\*Mestranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na área de Diversidade Cultural no Brasil.

Apesar de ter sido publicado em 1952, *Teoria feminista: da margem ao centro* teve sua primeira edição traduzida no Brasil em 2019. A emergência de abordagens fundamentais para o movimento feminista, como as perspectivas próprias das mulheres negras, faz com que bell hooks traga à luz, de maneira didática, alguns pontos importantes para promover a construção coletiva de um movimento que, apesar de já existir, não inclui exatamente todas e todos os atores sociais. Para isso, a autora propõe que raça e classe fiquem marcadas nas análises dos estudos feministas para além do sexo, pois assim seria possível compreender tantas realidades em suas complexidades. Suas ideias são construídas a partir de relatos pessoais e experiências nos estudos da mulher especificamente.

A autora relata como foi discriminada nos grupos feministas dos quais participou, explicando assim como as feministas brancas enxergavam as mulheres negras apenas como um modo de legitimar o movimento, mas sem levar em consideração suas particularidades. Enquanto as feministas brancas se concentrassem de maneira exclusiva nos problemas sexistas, deixando de lado questões de classe e raça, não seria possível fazer o feminismo amplo e sólido que pretendiam. Enquanto feministas brancas se preocupavam com direitos de acesso ao ensino superior e equiparação salarial, as mulheres negras lutavam para mostrar como eram minoria nas universidades e maioria na base da pirâmide social. Elas não se davam conta de que também tinham privilégios diante da realidade das mulheres negras e de classe baixa, e de que, portanto, também reproduziam opressões.

Basicamente pertencer a uma classe molda toda a percepção, vivência e oportunidades de um indivíduo; não diz respeito apenas a posses, mas à visão de mundo e como esse “mundo” olha de volta, bem como qual resposta vai lhe dar através de oportunidades ou não. A problemática da questão se mostra quando as feministas brancas de classe média e alta tratam de pautas sexistas apenas como forma de dominação patriarcal, não levando em consideração que mulheres negras e mulheres de classe baixa – ainda que brancas – apresentem outras nuances que perpassam suas trajetórias, levando a interpretações esvaziadas e destoantes das realidades, além de infelizmente contribuir para esse sistema de opressão construído por homens brancos, capacitando-as para controlar mulheres negras que sempre estiveram à margem. Dessa maneira, é bem claro que o viés sexista não basta para trazer todas ao centro das lutas feministas, por ainda excluir fatores que implicam diretamente a existência e a vivência dessas mulheres.

A ênfase é na interseccionalidade da luta feminista, que deve se voltar contra a opressão de classe, raça e sexo, de modo a incluir não só as mulheres brancas de classe média e alta que predominam no ativismo feminista até hoje. Há necessidade de se adaptar os debates, as

chamadas, as escritas, as conversas e as linguagens para que alcancem também mulheres e homens multiétnicos, de classes altas e baixas, intelectualizados ou fora dos círculos acadêmicos, pois sem alcance às massas populares toda luta seria em vão. Para tal, sugere-se que os homens não sejam tratados como inimigos, uma vez que separatismos não transformam a estrutura patriarcal, capitalista e colonialista em vigência, bem como não proporcionam nenhuma transformação profunda; as opressões continuam se propagando. Contudo os discursos das mulheres negras manifestados em sua radicalidade devem ser ouvidos e compreendidos como maneiras de expressar, de viver, de experienciar e de servir como exemplos para se compreender o sexismo, o racismo e o classismo nos quais estão condicionadas.

As atuações das mulheres negras e das mulheres de classes baixas não devem se limitar ao compartilhamento de experiências. Combater a estrutura que impede o acesso à educação também é tarefa do movimento feminista, para que elas também produzam teorias, o dito trabalho cerebral, a fim de que não se torne restrito somente às mulheres brancas das elites. Ou, ainda que sem diploma, possam participar ativamente da estruturação do movimento.

Outra questão forte em toda a obra é a trabalhista. Enquanto mulheres brancas privilegiadas lutavam para sair de suas rotinas caseiras e de cuidados com os filhos e entrar no mercado de trabalho, mulheres negras e pobres que sempre trabalharam de forma alienada, ainda lutam por mais tempo com suas famílias, podendo dedicar-se ao cuidado e aos laços afetivos. A chamada para uma parentalidade equiparada – em que os homens entendem que podem e devem desempenhar a paternidade tanto quanto as mulheres exercem a maternidade, isso inclui cuidados físicos e emocionais com os filhos – é de extrema importância nessa agenda feminista. E vale destacar que a divisão de cuidados com os filhos não diminui ou exclui o valor da mulher nessa esfera de poder que ela domina. Ora, domina de modo sobrecarregado, já que a lógica patriarcal delega somente à mulher os cuidados da casa e dos filhos, atividade que deveria ser compartilhada entre homens e mulheres. No entanto é difícil apontar da mesma maneira para famílias pobres ou mães solteiras que, ocupadas lutando pela sobrevivência diária, não tem tanto tempo ou mesmo entendimento sobre como dar mais atenção à parentalidade. As propostas se direcionam para a formulação de direitos da criança em se tratando de cuidados parentais adequados e a reformulação da estrutura social para que haja divisão igualitária desses cuidados.

No campo da sexualidade, chama atenção uma falsa liberdade sexual já existente, apontando para desigualdades entre os grupos, como, por exemplo, mães de classe baixa que criam seus filhos sozinhas e não têm tempo para repensar sua sexualidade, seu prazer e sua satisfação. Ademais, demonstra a importância de que as feministas lutem também para que

lésbicas possam se relacionar com suas parceiras sem sofrer represália, de modo que, semelhante às mulheres com práticas heterossexuais – a maioria no movimento feminista –, possam se sentir acolhidas, pois a ideia é que coletivamente todas possam vencer normas sexuais abusivas preestabelecidas. A noção de sexualidade socialmente construída nos moldes desses sistemas de dominação e reproduzida em formatos de dominação masculina, heterossexualidade compulsória, frustração sexual e consumismo, por exemplo, mostram caminhos para erradicar a opressão sexual e fazer uma revolução social.

Por fim, bell hooks pontua a importância de estabelecer uma visão de mundo alternativa para que o movimento feminista efetive mudanças revolucionárias. O foco até aqui colocado é despertar no imaginário das mulheres negras o desejo pela revolução liderada por elas mesmas, acolhendo aquelas tanto das margens quanto do centro, e ao remodelar as relações com os homens, aceitá-los como aliados fundamentais para restabelecer planos de ações teóricos e práticos, a fim de abolir o dualismo e destruir os sistemas de dominação.